

O conservantismo

Não há nada mais destruidor que o chamado *conservantismo*. Tudo que se pratica neste meio social de antagonismos miseráveis, tem como resultado a destruição. É assombroso, mas é verdade! O bem-estar, a saúde, a conservação da vida, a bondade, o amor pelo semelhante, vão-se incompatibilizando cada vez mais com a sociedade actual. Tudo que é mau, estúpido, embrutecedor, se propaga com facilidade e rapidez e é acarinado pela sábia e santa gente *conservadora* que procura todos os meios de estimular o entusiasmo das multidões...

Temos o futebol, que pelo seu excesso se transformou em brutalidade, desmoralizando e enfraquecendo os rapazes, em vez de robustecer e educar, como esperavam as pessoas de boa fé.

Temos as corridas de automóveis, de motos, etc., que estão sendo um formidável estímulo para o excesso ou abuso de velocidade em que tudo anda atropelando-se tudo e todos, num completo desprezo e desrespeito pela vida e liberdade de toda a gente que não esteja atacada da mesma loucura destruidora, e com a cabeça cheia pelas gloriosas façanhas desportivas...

Os desastres causados por atropelamentos e falta de cuidado e de atenção, dão hoje, sem exagero, muito maior número de vítimas que outrora os bandoleiros nas estradas!

Mas é isto justamente que é preciso... — embrutecer o povo por todas as formas. — É preciso que os homens não tenham cérebro para pensar, nem coração para sentir, nem olhos para ver as iniquidades sociais... Só assim poderá viver, ou, melhor, tripudiar por mais algum tempo, o regime da exploração do homem pelo homem!

Depois da Grande Guerra, dessa grandiosa destruição, que foi também obra da Burguezia mundial, capitalista, *conservadora*, não se pensa senão em correr e estafar... para maior glória do Deus Milhão e embrutecimento dos povos...

Fazem-se corridas de cavalos em que ficam gloriosamente estafados dezenas de cavalos e cavaleiros...

Parece que se vive num grande manicómio em que tudo anda... *desenfreado*... Até as corridas de touros vão entrar no seu período agudo... de desembolamento! E para que seja mais completa a *civilização*, até o murro tem o nome de *box*!

Cornada, futebol e *box*, para trazer o Zé bem embrutecido... Cornada desembolada, para educar melhor o sentimento do Zé português, eis o que tem o incentivo e o apoio moral de certas alminhas *conservadoras*, e *patriotas*.

É preciso embrutecer, tornar os homens ignorantes e imbecis, para que um regime social imbecil possa viver — ou fingir que vive, embora daí resulte a destruição de tudo que ainda exista de bom, de honesto e de são!

Causa espanto e admiração, a *grandíssima* obra de destruição universal que estão fazendo as classes *conservadoras*, pretendendo fazer reviver no espírito de toda a gente, as gloriosas brutalidades do passado e deixando no esquecimento o que de verdadeiramente grande, nobre e belo, as gerações passadas nos legaram...

Continuai, Senhores da Burguezia, na vossa obra de destruição, pois que tanto haveis de destruir, que por fim vos destruireis!

ABILOS

pôr Lisboa e ferro e a fogo, para bem da união dos interesses económicos!...

Mas enfim sempre há uma parada, e a capital vai recolher a imobilidade de vinte mil homens, durante um mês!

É como uma mobilização.

É uma concentração de tropas!... É um ostentoso cenário de guerra, a guerra de que os burgueses tanto gostam.

Os burgueses estão radiantes!

Vão ter a guerra, a mobilização, e nesse caso...

Há uma razão lógica possível para encarecer o custo da vida, para rarearem as subsistências, para haver dificuldades. Os lisboetas que tenham paciência! Trata-se da regeneração da pátria...

Vinte mil homens arrancados ao campo, às oficinas, dão o melhor exemplo, a melhor lição de fomento ao famoso conselho de competências, e os burgueses, enriquecendo com a patriótica ganância, exclamarão radiantes:

— Oh!... Não há para salvar a pátria como o exército! Ele garante a ordem...

E ordeiramente, enchendo as burras, traficando patrioticamente, os burgueses dirão radiantes:

— Oh! o exército sobre tudo, porque impõe a ordem...

EDUARDO FRIAS

AS JUVENTUDES SINDICALISTAS

Réplica ao autor do artigo «A Cobardia da geração que desponta»



Tenho lido, com interesse e satisfação, os artigos que ultimamente vens publicando neste semanário, nos quais fustigas, com desassombro digno dum revolucionário inteligente, esta sociedade desumana que não nos permite viver a vida como a concebe o nosso cérebro, e reclamam as necessidades íntimas do nosso ser.

Num dos mais recentes, fazes certas considerações sobre a mocidade que não quero deixar sem comentário, porque são uma injustiça — intencional bem sei — para com a juventude sindicalista portuguesa.

Contas que, ao despertares para a luta em prol da libertação do Homem, esperavas ir encontrar entre a mocidade, jovens como tu, dispostos ao combate a tudo que impede a ascensão dos Humanos até ao mais perfeito possível. Mas tua confiança desvaneceu-se ao ver que os campos de luta eram desertos, sufocados pelo silêncio.

Compreendo. Referes-te à mocidade intelectual.

Mas como pudeste esquecer a audaz minoria operária que compõe as Juventudes Sindicalistas, para afirmares: «os campos de luta eram desertos?»

Como, se é nas Juventudes Sindicalistas onde se trava a maior luta contra o existente? Se elas vêm, tenazmente, de há longos anos, dia a dia, esforçando-se pela queda da tirania que nos oprime? Desconheces a sua existência? Não creio, pois ainda não se extinguiu o éco que produziu a maior afirmação da sua vitalidade que foi a realização do seu segundo congresso do qual deves ter tido conhecimento por intermédio da nossa imprensa.

Porque consideras apenas campo de luta o jornal e o livro?

Pensas assim?

Mas há quem não sabe ler... e os jornais e os livros serão inúteis se alguém não se esforçar porque possam le-los um dia. Outros *leem* mas não *sabem ler*, sendo necessário ensiná-los, de contrário as obras que merecem ser lidas ficarão nas montras enquanto as edições dos maus livros — livros que nunca deviam ter uns olhos a fitá-los — far-se-hão sucessivamente. E ensinar é a missão das Juventudes Sindicalistas. E como os que não sabem ler e os que pensam saber, são legião — todos ou quasi todos — a maior luta presentemente trava-se adentro das Juventudes Sindicalistas. Sim, meu amigo, é nas Juventudes Sindicalistas, que lamentavelmente esqueciste, onde se fere o mais rijo combate contra a podridão que nos rodeia e asfixia. Combate desigual. De um lado, a multidão ignorante e indiferente. Do outro, uma rebelde minoria que espalha por sobre a multidão as ideias de liberdade que hão-de redimir a Humanidade, e que muitas vezes é vilmente

“Educação Social”

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. Adolfo Lima

DE PUBLICAÇÃO MENSAL

RED. E ADM.: *Empresa Literária Fluminense, Lda.* — RUA DOS RETROZEIROS, 125 — LISBOA

enxovalhada pelo labeu aviltante de «destruidora», de «assassina» pelos próprios que pretende libertar.

Mas, a-pesar-de tudo, não retrocede; caminha resolutamente, cheia de fé, em busca do futuro.

Vem até elas com o teu valioso concurso, e aí encontrarás almas, como a tua, que anseiam o triunfo do Bem pela queda definitiva do Mal; o aniquilamento da Mentira pela supremacia da Verdade. Também encontrarás espíritos moços a quem repugnam os preconceitos que rodeiam a Vida e a Arte e que consomem os momentos que lhes ficam da luta pelo pão de hoje, na sua destruição.

Nelas cabem todos — desde que não sejam parasitas — manuais e intelectuais. Mesmo, é necessário que principiemos por destruir as classes entre nós. Não mais o «eu sou intelectual» «tu és manual» no sentido de superioridade ou inferioridade, mas, sim, jovens irmanados no mesmo anseio de perfeição, apenas mais cultos ou menos cultos uns que outros.

Talvez te escuses alegando não ser o ambiente que se respira nas Juventudes — dado a falta de educação e instrução de muitos jovens — de molde a satisfazer a tua educada sensibilidade. Mas repara que isto é um contracenário.

Como educarem-se esses jovens se os cultos, como tu, não vão até eles ensinar-lhes o que sabem? Como alcançaste a cultura que tens? Com o auxílio de outros, não é verdade?

De contrário, ser-te-ia impossível como o será aos jovens simples operários — como este que te escreve, a quem perdoarás a pobreza da frase e os erros de gramática — se tu não vieres até eles com o teu saber.

Fica esperando-te o

JOSÉ AUGUSTO DE CASTRO
(Jovem sindicalista)

A-pesar da sua incontestável superioridade anatómica, em que a força se alia à graça, tornando-o mais leve e mais desempenado, mais direito, mais belo do que o gorila; embora possua uma fisiologia mais delicada em que o instinto diminuiu, tornando o animal menos impetuoso, menos impulsivo, menos brutal, o *tipo humano* não é único nem se fez de um só jacto. Passou lentamente, muito lentamente, de formas inferiores, mais próximas do macaco, a outras mais direitas, mais humanas, até atingir a estátua delicada do *homem civilizado*, isto é do que sabe viver, do que sabe amar, do que sabe respeitar.

Do sucessor do gorila até ao homem pré-histórico, e dêsse, peludo como um macaco e esperto como um perseguido, até ao tipo actual, há, pelos tempos fora uma enorme transformação realizada, quer no levantamento do animal que só em menino anda *com as mãos pelo chão*, quer no desenvolvimento cerebral que o elevou às culminâncias do génio.

Os selvagens modernos dão pois uma ideia do caminho percorrido. Do homem hotentote, do mucoroca, que mal grunhe uns estalos, porque fala — se fala — mui pouco, até a esse tipo superior, há uma escala extensa de formas progressivamente mais humanas, ligando o gorila ao homem actual. — CARLOS DE MELO

O que em nós tem poder e se impõe, é o que em nós desperta... Eu desperto para realizar um acto de homem. — MARCO-AURÉLIO

A energia, não tem como caracteres exteriores o encrespar das sobranceiras, as rugas da vontade teimosa, os *biceps* enormes; a energia é pelo contrário frequentemente acompanhada da calma e da doçura — ELL'CK MORN